

**Passado = Presente?****Gabriel Pereira Nascimento**Doutorando em História  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**Mariana Costa Borges**Mestra em História  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**Wemerson F. Gomes**Doutorando em História  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Apresentada em outubro de 2020, a proposta de Lei nº 3452, voltada à segurança global na França, rapidamente se tornou alvo de debates e manifestações públicas. O principal foco das críticas, o artigo 24, previa pena de até um ano de prisão e multa para quem divulgasse imagens capazes de identificar policiais em serviço. Para os defensores, a medida protegia os agentes de segurança; para os críticos, a formulação vaga do dispositivo abria margem para restrições à liberdade de imprensa e ao controle social das ações policiais. Em um contexto marcado por denúncias de violência e abuso de autoridade, a proposta despertou o receio de que registros audiovisuais deixassem de cumprir seu papel fundamental na denúncia e na comprovação de excessos cometidos pelas forças de segurança.

\*\*\*

Foi nesse cenário que, em 24 de outubro de 2020, o fotógrafo Koshu Kunii registrou, na praça do Trocadéro, em Paris, uma das muitas manifestações contrárias ao projeto de lei. Na imagem, um homem cola um cartaz na parede. Nele, duas pessoas aparecem com os olhos encobertos por uma tarja cinza, recurso gráfico que evoca a questão da visibilidade e do ocultamento em disputa naquele momento. Ao lado, outro cartaz exibe uma fórmula simples, mas provocativa: “1984 = 2020”. A

referência ao romance homônimo de George Orwell é imediata. Publicado em 1949, *1984* tornou-se uma das mais influentes representações literárias da vigilância estatal, do controle da informação e da manipulação da verdade por um poder político onipresente, simbolizado pela figura do “Grande Irmão”. Ao aproximar passado e presente, os manifestantes expressavam o temor de que a nova legislação ampliasse mecanismos de vigilância e limitasse a capacidade de fiscalização da sociedade.

\*\*\*

O símbolo “igual a” ( $=$ ) é empregado na matemática e na lógica para indicar a equivalência entre duas expressões. À primeira vista, a inscrição “1984 = 2020” parece sugerir uma identificação direta entre um passado (o universo distópico imaginado por George Orwell) e a conjuntura política francesa de 2020. No entanto, uma leitura mais ampla sugere que seu significado não se reduz à afirmação de uma igualdade estrita entre passado e presente. Mais do que estabelecer uma correspondência histórica, a imagem mobiliza uma referência cultural amplamente compartilhada para conferir inteligibilidade ao presente, transformando o passado em uma linguagem capaz de nomear e, a um só tempo, tensionar medos, expectativas e conflitos contemporâneos. O cartaz não afirma que 2020 é literalmente 1984; ele evidencia, antes, como experiências e narrativas do passado são continuamente reativadas para interpretar, criticar e disputar os sentidos do tempo presente.

É precisamente nesse ponto que a História do Tempo Presente encontra um de seus desafios fundamentais. A História do Tempo Presente coloca para historiadores e historiadoras o desafio de pensar os tempos do agora – esse marcador temporal que, tópico contemporâneo, carrega em si vestígios de um passado que é experienciado ainda (e de alguma forma) como um modo de presença. A consolidação desse campo precisou, entretanto, lidar com um paradigma que reservava aos historiadores o estudo de temas, sujeitos e objetos marcados pela anterioridade, sob a justificativa de que apenas o distanciamento garantiria rigor analítico – a história, em Hegel, é como o Pássaro de Minerva: “abre suas asas somente com o início do crepúsculo”. Os séculos XX e XXI evidenciaram, porém, a necessidade de que também o/a historiador/a se posicionasse em relação à multiplicidade e à complexidade de questões implicadas no tempo presente à luz de abordagens propriamente historiográficas. O cartaz que associa 2020 a *1984* evidencia essa condição: um artefato cultural produzido no contexto da Guerra Fria é reativado para conferir inteligibilidade a um conflito político

contemporâneo. O passado, nesse caso, não aparece como algo encerrado, mas como presença ativa, como repertório simbólico mobilizado para interpretar experiências atuais e projetar futuros possíveis. De modo geral, essa foi a questão que orientou a proposta deste dossiê, que entregamos à apreciação.